

Atributos “adverbiais” em norueguês e nas línguas ibero-românicas

Nilsson, Kåre, Universidade de Oslo

Linguística e literatura

Nas línguas germânicas é corrente observar elementos de índole adverbial (advérbios e sintagmas preposicionais) empregues com função atributiva, como na frase norueguesa "Ser du mannen *på benken der borte?*". Nas línguas românicas, as possibilidades de usar adjuntos adnominais desta espécie parecem mais limitadas. Numa tradução para o português, p.ex., acho que seria mais natural dizer "Vês o homem *sentado naquele banco?*"

Nesta palestra proponho-me, em primeiro lugar, a esclarecer as condições em que for possível transferir tais elementos "adverbiais" directamente para o português, e quais são as técnicas ou opções preferidas nos casos que não se prestarem a uma tradução directa destes adjuntos. Depois veremos como se traduzem as mesmas estruturas para o castelhano, a fim de averiguar se ou até que ponto estas duas línguas parecem diferir entre si a este respeito. Que eu saiba, ninguém se debruçou sobre esta temática contrastiva.

Tomo por base o "romance filosófico" norueguês *Sofies verden* de Jostein Gaarder, livro esse que existe também em versões portuguesa e espanhola. No seu conjunto, estas edições devem constituir um corpus adequado não só para uma comparação entre meios de expressão noruegueses e ibero-românicos, como também para uma análise contrastiva do português e do castelhano no que se refere às estruturas focalizadas.

A fim de determinar quais os elementos que se podem ou devem qualificar de atributos, baseio-me na hipótese de os substituir por uma oração relativa. Mediante este critério básico verifica-se, entre outras coisas, que o facto de um adjunto aparecer em posição adnominal não significa, necessariamente, que desempenhe um papel atributivo. Assim, por exemplo, ficam fora as indicações temporais compostas onde aparece um substantivo seguido de um advérbio "puro" ou de um sintagma preposicional. Refiro-me a frases como "to uker før / senere / tidligere", "et par timer etter(på)" e "en dag i forveien".

Na prática, muitas vezes é difícil determinar com certeza se a função dos adjuntos em causa se deve qualificar de atributivo ou adverbial. Nestes casos, o tradutor optou ora por uma, ora por outra interpretação:

- (1) Når radioteleskopene kan fange opp lys **fra fjerne galakser** (...), kartlegger de verdensrommet ... (p. 498)

*Quando os radiotelescópios captam a luz **proveniente de galáxias** (...), mostram-nos o aspecto do universo ... (p. 451) (interpretação atributiva)*

- (2) En siste strømning (...) er materialismen, som også har røtter **ned gjennom historien** (p. 450)

*Uma última corrente (...) é o materialismo, que tem raízes profundas **na história** (p. 408) (interpretação adverbial)*

Ao longo deste estudo reparei em várias técnicas de tradução dos adjuntos que se podem qualificar de elementos atributivos no original. Veremos primeiro a tradução directa, que abrange tanto advérbios como complementos circunstanciais:

1) Tradução directa

a) de advérbios:

A representação quantitativa de advérbios propriamente ditos usados como atributos em *Sofies verden* é relativamente fraca. Não obstante, a gama deles é variadíssima. Aparecem em contextos como "over holmen **der**", "alle tingene **her**", "veien **hit / hjem / ut**", "mørket **utenfor**", "med en sukkerbit **i**" og "med et spørsmålstegn **etter**". Alguns deles se usam apenas como modificadores de um complemento circunstancial, como em "halen helt **bakerst** på kroppen", "**ned** gjennom historien" e "på veien **tilbake** til teltet".

Os exemplos de advérbios atributivos traduzidos ao pé da letra reduzem-se a

- (3) og gikk videre på veien **hjem** (p. 331)
*e prossseguiu o seu caminho **para casa** (p. 302)*
- (4) og bygningene **nede** på torget (p. 82)
*e os edifícios **lá em baixo**, na ágora (p. 73)*
- (5) forholdet mellom hulens mørke og naturen **utenfor** (p. 96)
*a relação entre a escuridão da caverna e a natureza **lá fora** (p. 85)*

– enquanto noutros casos são simplesmente suprimidos, como se verá mais adiante.

b) de sintagmas preposicionais atributivos:

Por outro lado, é muito corrente a tradução dum complemento circunstancial atributivo por uma expressão da mesma estrutura em português, embora as preposições variem menos que em norueguês. Predominam os complementos introduzidos por *de* (38%) e *em* (23%), que por si sós representam nada menos que 61% do total das preposições e locuções prepositivas observadas neste contexto.

Cabe observar a grande flexibilidade da preposição *de*, no sentido de que na versão portuguesa corresponde a nada menos que 17 preposições diferentes usadas no texto original (!)¹; das quais devo limitar-me a referir uns poucos exemplos:

- (6) selve mekanismen **bak** artenes utvikling (p. 401)
*o verdadeiro mecanismo **da** evolução das espécies (p. 365)*
- (7) spor **etter** en fjern fortid (420)
*vestígios **de** um passado longínquo (p. 382)*
- (8) i områdene **rundt** Svartehavet (p. 153)
*na região **do** mar Negro (p. 135)*

A grande representação de *em* como equivalente de 'i' ou 'på' nos complementos atributivos que aparecem na versão portuguesa de *Sofies verden* faz suspeitar uma interferência do texto original. Esta impressão reforça-se por uma comparação com as traduções brasileira e espanhola, onde *de* predomina sobre *em / en* nos mesmos contextos. Assim, encontramos na versão portuguesa casos como

- (9) a. Vinkelsummen **i** en trekant er 180° i all evighet (p. 93)
*A soma dos ângulos **num** triângulo perfaz para toda a eternidade 180° (p. 82)*
- b. Hadde så denne finkearten (...) tilpasset seg omgivelsene **på** de forskjellige øyene ...? (p. 401)
*Essa espécie tinha-se adaptado de tal forma ao seu ambiente **nas** diversas ilhas ...? (p. 364)*
- c. Han hadde ikke snakket med Hilde etter den sene telefonen **på** fødselsdagen (p. 478)

¹ A saber: *av, bak, etter, for, foran, fra, hos, i, innen, med, mot, om, over, på, rundt, til e ved.*

Desde o seu telefonema nesse dia não tinha falado com Hilde (p. 432)

– frases essas que nas versões brasileira e espanhola foram traduzidas, respectivamente, por

- (10) a. *A soma dos ângulos **de** um triângulo é 180° (p. 102)*
 b. *E será que essa espécie de tentilhão (...) tinha se adaptado ao meio ambiente **das** diferentes ilhas ...? (p. 438)*
 c. *Desde o telefonema **dado naquela** mesma noite, ele não tinha mais conversado com Hilde (p. 522)*

e

- (11) a. *La suma de los ángulos **de** un triángulo es 180° siempre (p. 105)*
 b. *¿Se había ido adaptando esa especie al entorno **de** las distintas islas? (p. 504)*
 d. *Albert no había hablado con Hilde después de la llamada **de** aquella noche (p. 605)*

Pelo uso da preposição *em* (em vez de *de*) como equivalente de *i* em norueguês, acontece que a frase adquire um matiz "funcional", de modo que o sintagma preposicional conserva (mais ou menos) o seu carácter adverbial. Assim, frases como

(12) *A filosofia **em** Atenas (p. 60) = Filosofien **i** Aten (p. 69)*

(13) *as condições de vida **numa** sociedade (p. 347) = Forholdene **i** samfunnet (p. 382)*

podem ser interpretadas como "como funcionava (ou se praticava) a filosofia em Atenas" e "a maneira como se manifestam as condições de vida numa sociedade", respectivamente.

Os partitivos do tipo "mange / noen / resten av ...", "eksempler på ..." og "ulike former for ..." não interessam aqui, já que a preposição se traduz invariavelmente por *de*; e o sintagma preposicional não, ou só dificilmente, se pode qualificar de atributo conforme ao critério estabelecido. São mais interessantes as indicações quantitativas seguidos de *med*, que é traduzido ora por *de*, ora por *com*². Na construção "x A *de* B" parece-me que a nossa atenção se divide

² Nestes contextos suprime-se muitas vezes *med*, cf. "tre kagger (med) øl". Assim, o segundo substantivo (subordinado ao primeiro) vem a representar por si só um elemento partitivo.

igualmente entre a quantia e a substância em causa, enquanto no caso de "x A *com* B" se focaliza a substância (ou seja o conteúdo dos cascos):

- (14) På bagasjebrettet hadde han en kasse **med** øl og brennevin (p. 471)
*No porta-bagagens tinha uma caixa **com** garrafas **de** cerveja e aguardente (p. 426)*
- (15) Han drikker tre kagger **med** øl også (p. 33)
*Bebe também três barris **de** cerveja (p. 29)*

2) Adjectivização

Em muitos casos verifica-se uma adjectivização dos elementos em causa. Esta técnica consiste, em primeiro lugar, na substituição do adjunto "adverbial" por um adjectivo (ou então um particípio):

- (16) guddommen ligner et bilde **av gull eller sølv** eller stein (p. 163)
*a divindade é igual às imagens **prateadas, douradas** e de pedra (p. 145)*
- (17) Kanskje er det den vi ser over holmen **der** (p. 492)
*Talvez seja aquela estrela que vemos lá em cima, sobre **aquela** ilha (p. 446)*
- (18) Slik kunne mennesket glede seg over livet **her og nå** (p. 199)
*Por isso, o homem podia alegrar-se com a vida **presente** (p. 179)*
- (19) det vitenskapelige miljøet **i England** delte seg på midten (p. 405)
*o meio científico **inglês** dividiu-se (p. 368)*

Noutros casos verifica-se o que podemos qualificar de adjectivização complementada, no sentido de que o adjectivo ou particípio introduzido na tradução pode, por sua vez, ser seguido de um sintagma preposicional que corresponde ao adjunto adnominal do original:

- (20) vi kjenner mange eksempler **fra andre deler** av verden (p. 34)
*Temos muitos exemplos **provenientes de outros lugares** do mundo (p. 30)*
- (21) Du husker at filosofene **før Kant** hadde diskutert de riktige "store" filosofiske spørsmålene (p. 319)
Talvez ainda recordes quais foram as verdadeiras "grandes" questões filosóficas dos

filósofos anteriores a Kant (p. 291)

- (22) den hvite Mercedesen **i porten** (p. 468)
o Mercedes branco estacionado à porta (p. 423)

3) Adverbialização

Aqui há várias variantes, que envolvem uma remodelação mais ou menos radical do texto original. Em alguns casos, trata-se duma modificação leve, que consiste, simplesmente, na justaposição paratáctica de dois elementos adverbiais, enquanto no original o primeiro deles se apresenta como adjunto adverbial e o outro como atributo subordinado àquele, ou seja ao substantivo antecedente:

- (23) Nei, det er på den andre siden av kirken **der** (p. 453)
Não, é do outro lado da igreja, lá em baixo (p. 411)
- (24) På stolen **foran skrivebordet** lå noen skitne klær i en eneste stor vase (p. 121)
Em cima da cadeira, junto à escrivaninha, estavam vestidos sujos, misturados (p. 108)
- (25) Det er rart å tenke på at vi lever på en liten klode **i universet** (p. 491)
É uma ideia estranha, a de vivermos num pequeno planeta, algures no universo (p. 445)

Noutros contextos, o elemento que se pode interpretar como atributo no original passa a adverbial simplesmente permutando-se as palavras da frase em causa:

- (26) de store templene på Akropolis ble bygget etter perserkrigene **på 400-tallet før Kristus** (p. 128)
os grandes templos da Acrópole foram construídos cerca do ano 400 a.C., após as guerras contra os Persas (p. 114)
- (27) Bjørketrærne **bak de gamle kaninburene** var så skarpe i den lysegrønne fargen at ... (p. 143)
Atrás das velhas coelheiras as bétulas eram de um verde-claro tão intenso que ... (p. 127)

Ainda há casos onde o tradutor substituiu uma construção nominal por outra verbal, de modo que

o atributo passa a adjunto adverbial – técnica essa que vem a dar numa tradução mais livre, embora ainda fiel à ideia do original:

- (28) hun leste om Sokrates som (...) ble stående og myse mot det skarpe lyset **utenfor** (p. 98)
*estava a ler sobre o filósofo que (...) piscara os olhos ao ver a luz brilhante **no exterior***
 (p. 87)

4) "Relativização"

Muitas vezes a adverbialização se realiza através da substituição do adjunto adnominal por toda uma oração relativa, com um complemento adverbial que corresponde ao adjunto do original:

- (29) Slik er forholdet **mellom galaksene** også (p. 494)
*A relação **que existe entre as galáxias** é análoga* (p. 448)
- (30) Hvis man trodde at en svart katt **over veien** betyr ulykke ... (p. 56)
*Se se acredita que um gato preto **que se atravessa no nosso caminho** significa azar ...* (p. 50)

Este é um processo afim à adjectivização complementada, no sentido de que o núcleo da oração relativa equivale a um adjectivo ou um gerúndio atributivo. Assim, (29) representa a mesma ideia que

- (31) *A relação **existente entre as galáxias** ...*

enquanto (30) se podia traduzir por

- (32) *Se se acredita que um gato **atravessando-se no nosso caminho** ...*

A substituição dum elemento atributivo por uma oração relativa nem sempre implica uma adverbialização:

- (33) Navnet "stoisk" kommer av det greske ordet **for søylegang (stoa)** (p. 135)

*O nome "estóico" vem do termo grego **que designa "pórtico" ("stoa")** (p. 120)*

(34) Det er virkeligheten **omkring oss** som er som et luftig eventyr for oss (p. 481)

*É a realidade **que nos circunda** que é apenas uma ilusão feita de ar (p. 436)*

5) Supressão

Como referi acima, também acontece que o adjunto especificativo simplesmente se suprime na tradução, sem perda substancial do que diz o original (elemento esse que, aliás, no exemplo (36) parece bem pleonástico):

(35) Vi kunne dessuten vært skapt slik at vi ikke søkte etter årsakene til hendelsene **omkring oss** (p. 318)

podíamos ser constituídos de tal modo que não procurássemos as causas dos fenómenos --- (p. 290)

(36) Men det er også viktig å merke seg at Kant hadde svært god greie på den filosofiske tradisjon **før ham** (p. 314)

Mas também é importante o facto de Kant ter conhecido realmente a tradição filosófica --- (p. 287)

Acho que este fenómeno reflecte um traço representativo do "génio da língua" das línguas românicas, que diferem significativamente das línguas germânicas quanto ao nível de precisão das circunstâncias concretas ligadas a uma situação ou a um processo qualquer.

Virando o olhar para as versões brasileira e espanhola a modo de comparação, verificamos que não há diferenças estruturais que as distingam substancialmente do texto português europeu. Não obstante, notam-se certas divergências quantitativas na distribuição das estruturas utilizadas, especialmente no que toca à grande variedade de complementos circunstanciais atributivos traduzidas directamente na versão portuguesa, enquanto as outras versões tendem mais a diferentes tipos de remodelação. Portanto, a linguagem da versão portuguesa assemelha-se mais ao norueguês do que a das outras duas versões estudadas do ponto de vista estrutural.

Mesmo assim, duvido que esta diferença seja representativa da relação entre o português e o espanhol em geral. Tendo em mente todos os paralelos estruturais que caracterizam as

versões brasileira e espanhola, acho mais natural considerar as singularidades da Sofia "portuguesa" uma consequência de preferências individuais da parte da tradutora, que parece mais atreita à interferência do norueguês do que os seus colegas do Brasil e de Espanha.

Em norueguês, tanto como em português e castelhano, é muito mais corrente os sintagmas preposicionais desempenharem um papel atributivo do que os advérbios propriamente ditos. Nesta ordem de ideias, interessam mais as indicações atributivas de lugar. É aí que encontramos as diferenças estruturais mais destacadas, ao mesmo tempo que são estas as expressões mais frequentes e variadas no texto original. Neste âmbito são representadas **todas** as técnicas de tradução descritas aqui, como se vê dos exemplos referidos.

Tendo-me limitado a um estudo unidireccional, partindo do norueguês, acho que seria interessante uma análise "invertida", a partir do castelhano ou do português. Dado que sempre é possível e até provável que uma tradução esteja influenciada por interferência do original, o estudo da distribuição dos elementos em causa numa selecta de textos originais ibero-românicos, eventualmente comparada com uma tradução dos mesmos para uma língua escandinava, permitir-nos-ia elucidar esta temática numa perspectiva mais ampla.

Referências bibliográficas:

- Gaarder, Jostein: *Sofies verden. Roman om filosofiens historie*. Aschehoug, Oslo 1992
 id.: *O Mundo de Sofia. Uma aventura na filosofia*. Tradução: Catarina Belo. Ed. Presença, Lisboa 1995
 id.: *O Mundo de Sofia. Romance da história da filosofia*. Tradução (da versão alemã): João Azenha Jr. Ed. Schwarz Ltda., São Paulo 1998
 id.: *El mundo de Sofía. Novela sobre la historia de la filosofía*. Tradução: Kirsti Baggethun e Asunción Lorenzo. Ed. Siruela, Madrid 1994